

PERCEÇÃO E AVALIAÇÃO DA PAISAGEM NO PROCESSO DE PLANEAMENTO. O EXEMPLO DAS PRAIAS DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

CARLOS PEREIRA DA SILVA

RESUMEN

El autor presenta algunas cuestiones teóricas ligadas a los estudios sobre percepción del paisaje y los problemas y limitaciones que tienen, en especial cuando se quieren aplicar a los procesos de planeamiento. El estudio se aplica al Area Metropolitana de Lisboa y muestra las dificultades científicas que se encuentran a la hora de explicar los cambios de percepción que la población tiene sobre las playas de sus alrededores.

ABSTRACT

The author presents some theoretical questions in their application to landscape perception studies. Their limitations are also considered, especially when applied to planning processes. The study is illustrated in the Lisbon city area and shows the scientific difficulties found in trying to grapple with the population's perception of their surrounding beaches.

1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação resulta de um trabalho de investigação levado a cabo no Departamento de Geografia e Planeamento Regional, da Universidade de Lisboa durante os anos de 1993-94. O objectivo pretendido era reflectir e discutir algumas das questões teóricas ligadas à percepção da paisagem, os problemas e limitações deste tipo de estudos e as suas potencialidades, nomeadamente quando aplicados aos processos de planeamento.

Este trabalho, pretendia igualmente algumas das nossas preocupações em relação à Geografia, como sejam a utilização por vezes abusiva dos métodos quantitativos para chegar resultados que por vezes não são coerentes e que possuem problemas graves a nível da própria informação trabalhada. Neste aspecto muitos de trabalhos da percepção da paisagem são exemplos bem significativos.

A comunicação aqui apresentada encontra-se estruturada em três pontos principais:

Em primeiro lugar discutir alguns dos conceitos base, fazendo um enquadramento teórico das questões e que servirão para o desenvolvimento do estudo.

Em segundo lugar, utilizando como exemplo as praias, mostrar os problemas relativos às mudanças de percepção de um determinado espaço.

Por fim uma parte prática de aplicação, consistindo na aplicação de algumas ideias previamente discutidas. Este ultimo ponto teve como base um inquérito, aplicado em três áreas distintas, que têm em comum o facto de serem áreas litorais de uso balnear situadas a uma distância entre 45-60 Kms da cidade de Lisboa.

No final gostaríamos de deixar algumas reflexões. Pensar como é que num futuro, em que as questões do ambiente se afirmam cada vez mais prioritárias e onde conceitos como o de desenvolvimento sustentável são cada vez mais importantes, estes estudos se deverão posicionar. É a necessidade de compreender, que num processo de tomada de decisões, como é o planeamento, onde se pretende a participação e responsabilização efectiva dos cidadãos, qual deverá ser o papel a desempenhar pela percepção e avaliação da paisagem para a tão falada qualidade de vida.

2. PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO DA PAISAGEM

A utilização do termo percepção, que nós consideramos para este trabalho, é bastante abrangente. Ele está relacionado não só com o acto ou faculdade de perceber, de desencadear uma reacção em relação a um determinado estímulo exterior, mas igualmente implicando que associada a essa reacção seja feita um juízo valorativo desse mesmo estímulo.

Quando são referidos, por exemplo, os estudos de avaliação da paisagem, os seus detractores costumam apontar como principal critica o facto de não fazer sentido comparar paisagens. Como afirmar de forma objectiva que uma paisagem de montanha vale mais do que a de uma planície? Na realidade, deste ponto de vista tão radical os estudos de percepção da paisagem não fazem nenhum sentido. O que nos parece necessário é procurar e explorar a melhor forma de utilizar de forma objectiva estes estudos: Não será importante descobrir as preferências por determinados tipos de paisagens? De saber quais as que recolhem maiores preferencias do publico?

Na verdade se um determinado tipo de paisagem for sujeito a pressões por parte dos seus utilizadores como consequência de determinados factores de atracção, então poderemos gerir essa informação de modo a evitar rupturas, nomeadamente que as capacidades de carga desses lugar sejam ultrapassadas, destruindo conseqüentemente as características que o tornavam atractivo. Este é sem duvida o principal ponto onde, na nossa opinião, estes estudos podem ter utilidade, perceber quais as paisagens que são valorizadas e, mais importante ainda, porque são valorizadas.

Na posse dessa informação ficamos com mais um elemento para apoiar a decisão de localização de infra-estruturas e equipamentos, de mudanças de uso do solo, quais as políticas a seguir para o desenvolvimento e gestão de determinadas áreas.

É necessário frisar, que estes estudos não podem ser utilizados de forma isolada. Não existe nenhuma ideia radical de pensar que o planeamento deve ser feito exclusivamente apenas atendendo aos desejos da maioria da população.

É igualmente necessário ponderar a aplicabilidade dos resultados destes trabalhos, pois os erros cometidos podem ser de extrema gravidade, basta referir que a percepção da paisagem

é um fenómeno mutável. Significa isto que as paisagens valorizadas hoje podem o não ser amanhã, os valores variam com os fenómenos culturais e também de geração para geração.

Se as características básicas da paisagem vão ser determinadas pelos seus factores físicos a variedade dos componentes na sua diversidade de combinações vai permitir a existência de um sem número de paisagens diferentes. A paisagem pode ser considerada como uma interacção entre os diversos elementos (geologia, geomorfologia, clima, solos, vegetação...) e as actividades humanas de forma a produzir uma só imagem de conjunto para quem a observa. Por esta razão é igualmente importante referir que a paisagem é muito mais que somatório dos vários elementos. O conjunto é incomparavelmente mais valioso que a soma dos elementos que a constituem.

Vamos assim assistir a uma interacção entre o objecto percebido e o sujeito, pois embora a paisagem possua qualidades intrínsecas, a forma como o sujeito as vai perceber é que vai condicionar de forma decisiva a imagem que ele vai formar. O observador vai reagir de acordo com as associações que ele fizer com determinada paisagem e essas associações vão ser influenciadas pelos seus sentimentos. Assim, diferentes paisagens vão evocar diferentes sentimentos em diferentes observadores.

A noção de paisagem por nós adoptada tem a ver com o espaço percebido e vivido, ou seja, um espaço em que o Homem não possui apenas um papel passivo, mas sim interventivo, estabelecendo com ele relações que são fruto da forma como interage com o meio.

Associado a qualquer processo de percepção da paisagem está uma determinada avaliação, que resulta de uma utilidade dada ao fenómeno percebido e que pode ser ou não expressa de forma objectiva. Pensamos mesmo que a avaliação será a ultima fase da percepção da paisagem, como o produto final de todo o processo.

3. A “INVENÇÃO” DAS PRAIAS: PERCEPÇÃO E UTILIZAÇÃO.

Como foi referido anteriormente, a percepção da paisagem é um fenómeno mutável, resultado dos valores e atitudes existentes numa determinada sociedade e que influenciam os indivíduos. O espaço litoral é um exemplo desta situação. A ideia das praias, como um espaço aprazível de descanso é uma imagem resultante da evolução da percepção da sociedade em relação a esse espaço.

As primeiras imagens em relação ao mar e ao espaço litoral são de terror, medo e repulsa. Este facto tem a ver com o desconhecimento então existente em relação aos fenómenos que aí aconteciam. A interpretação destes espaços dada pela Bíblia, onde sobressaem cenas como o *Dilúvio*, a visão de *Grande Abismo*, estão na base das tais figuras de repulsa. É pois fácil compreender porque na época clássica as características atractivas das praias eram totalmente ignoradas. A capa de imagens repulsivas que as cobria impedia o aparecimento de qualquer sentimento de apreciação de tais espaços.

Com o avanço da ciência alguns dos fenómenos ligados aos enigmas marítimos são explicados, ou pelo menos compreendidos em parte, o que ajuda a criar uma imagem mais positiva, diminuindo assim a repulsa e o medo. É na entrada do século XVII que o mar e a linha

de costa começam a ser incluídas nas manifestações artísticas da época (literatura e pintura), destacando os aspectos estéticos que provoquem admiração, e conseqüentemente a beleza desses mesmos lugares.

Este movimento teve o condão de começar a atrair outras classes para este espaço, que através das obras dos artistas começaram a ter uma perspectiva diferente da linha de costa e assim das praias. Podemos pois dizer que é no século XVII que as praias são descobertas, embora a sua utilização seja em parte substancialmente diferente daquela que tem hoje.

Os primeiros movimentos turísticos para o litoral só começam a tomar proporções significativas no princípio do sec XVIII. Passamos de uma fase contemplativa, para outra em que predominam as características terapêuticas da água do mar e o clima das regiões litorais. A praia começa a ser encarada como o remédio perfeito contra uma das principais doenças da época: a melancolia, ou como os ingleses baptizaram *the spleen*.

A terapia balnear, começa a definir as praias ideais, que devem servir na perfeição para a recuperação dos doentes. Devem ser praias arenosas e planas, de modo a facilitar os passeios, com uma significativa amplitude de marés que assegure uma mudança das águas e uma lavagem das areias da praia, deve estar situada perto de arribas e dunas para possibilitar passeios a pé ou a cavalo.

O sol, até aí não é considerado um elemento importante nas paisagens litorais, pelo contrário era mesmo tido, por vezes, como um elemento negativo, razão porque as praias são frequentadas normalmente durante o mês de Setembro em diante ou mesmo só como estâncias de Inverno. Na realidade o banhista desta altura não procura a exposição aos raios solares, que “...*congestiona, resseca e faz arder a pele, suscitando sempre o desprazer.*”. Nessa altura não era hábito ficar deitado na areia, pelo contrário anda-se. Os banhos de mar devem ser rápidos, devendo os banhistas secarem-se imediatamente e para terminar devem então andar ao longo da praia, usufruindo do ar marítimo. A praia é acima de tudo um local privilegiado para passear, prolongando o circuito iniciado nas dunas ou arribas próximas.

Até ao fim do Século XVIII o turismo balnear era bastante limitado, servindo apenas as classes da nobreza e burguesia, predominando a função terapêutica sobre a recreativa. Só no Século XIX se começa a assistir à massificação da praia. Os locais tradicionais são assediados pelo povo, obrigando as já referidas classes dominantes a procurar outros destinos mais distantes e ainda não popularizados. É então que o banho de mar se vulgariza, e estâncias balneares que apenas eram procuradas no final do Verão começam a ser procuradas durante o pico da estação, caso de Nice. Assiste-se então ao reviver de pequenos portos de pesca, alguns em declínio, que ganham novos alentos transformando-se em estâncias balneares caso de Dieppe e Biarritz. Outros desenvolvem-se do nada, em sítios desertos, mas onde as condições naturais são privilegiadas.

O banhista descobre novas sensações, os costumes modificam-se, procurando nos banhos de mar não só uma função terapêutica, mas também de recreio. À medida que o lazer e recreio passam a ser mais importantes as estâncias balneares desenvolvem-se, aparecendo equipamentos que lhes vão ficar associados, como os Casinos. Ao mesmo tempo o fenómeno da segunda habitação começa a tomar proporções já significativas, escolhendo preferencialmente as áreas litorais. Estamos pois na época da praia e dos banhos de mar.

Desde então a popularidade dos espaços litorais não mais parou de crescer, até aos nossos dias. A melhoria das acessibilidades permitiu que este sucesso se espalhasse a quase todo o mundo ocidental, onde a linha de costa reúne condições naturais. Nos anos 60 a praia atinge o papel mais importante a nível de destino turístico, começando a estar em voga o modelo dos três S (Sea, Sand and Sun). O período de férias de grande parte da população mundial é então passado junto à beira mar, tomando banhos e expondo-se aos raios solares, de forma a obter uma tez mais escura, que é valorizada atendendo aos padrões de beleza actual. Estão assim justificados em parte os fluxos de turistas que anualmente se deslocam para as praias, durante os meses de Verão. Este é o caso observável nas praias do sul da Europa, onde além das condições específicas das praias, o número de horas de sol existente é igualmente um importante chamariz para os habitantes dos países do Norte da Europa. Ao mesmo tempo outras actividades começam a ser praticadas nas praias, como o surf, windsurf, ski aquático e actividades sub-aquáticas, que aumentam a popularidade destas áreas.

A percepção, como ficou claramente demonstrada está sempre a alterar-se, e hoje em dia, procuram-se por exemplo novos destinos turísticos como resultado do congestionamento dos espaços litorais, ou mesmo devido a problemas ambientais como é o tão publicitado “buraco do ozono”. Uns e outros contribuem para o declínio destes espaços, que contudo são ainda muito procurados, constituindo actualmente o turismo banhar a forma de turismo mais praticada no mundo inteiro.

Em Portugal o processo de evolução de percepção e utilização das praias foi na sua essência igual ao que aconteceu no resto da Europa, sofrendo unicamente de um desfasamento temporal. Na realidade o processo só aconteceu mais tarde, nos princípios do século XIX, vindo tornar-se mais corrente nos finais do mesmo século.

4. O LITORAL DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA: ARRÁBIDA, SINTRA E ERICEIRA

As condições de recreio e lazer ao ar livre na Área Metropolitana de Lisboa são escassas para a população que atinge perto de 2.5 milhões, (1991). Em consequência deste facto vão surgir inúmeras pressões nos locais onde são possíveis essas actividades.

Para este estudo foram seleccionadas três áreas distintas, todas no litoral e que tem em comum o facto de possuírem uma tradição de turismo banhar. Localizam-se perto de Lisboa a uma distância de não mais de 50 Kms. São elas a **Arrábida, de Sintra e Ericeira**.(Fig1).

São áreas litorais que embora sejam alvo de uma procura intensiva para a utilização das suas praias, possuem diferenças significativas a nível das características físicas e mesmo sócio económicas. Têm igualmente graus de protecção legal diferentes (a Arrábida e Sintra são áreas protegidas).

Do nosso ponto de vista, seria interessante, tentar perceber de que forma os frequentadores das diferentes áreas percebem e avaliam certos aspectos das mesmas. Um dos objectivos seria o descobrir quais os aspectos que são mais valorizados e os principais problemas detectados pelos utilizadores desses espaços. De posse desta informação seria possível determinar as razões de preferência por cada uma das áreas e de que forma se poderia contribuir para uma

Figura 1

Localização das áreas de estudo.

correcta gestão desses mesmos factores de atracção, contribuindo assim para evitar situações de ruptura. Interessava igualmente saber se os factores de atracção apontados pelos utilizadores existiam ou pelo contrário eram resultado de uma ideia construída com base em características já perdidas, pois todas as áreas estudadas possuem um carisma bastante forte que data de há muitos anos, resultado de algumas características que hoje já não tem o mesmo peso que tinham há alguns anos atrás.

Arrábida

A Arrábida sempre exerceu uma atracção especial sobre o homem, sobretudo para as actividades de lazer e recreio.

A serra é o elemento mais importante da paisagem e que a faz destacar de toda a área envolvente. É uma área que impressiona pelos seus declives acentuados, com arribas escarpa-

das que deixaram formações geológicas de grande valor científico que atraem a atenção não só de especialistas mas igualmente dos visitantes devido á beleza das formas resultantes.

Porém o seu valor mais importante é talvez a vegetação. É uma área onde está presente o exemplo mais significativo de flora mediterrânea em todo Portugal mesmo para um observador pouco atento a associação da vegetação com o relevo é talvez o facto que chama mais a atenção, o que ainda se torna mais saliente com os cheiros característicos das espécies mediterrâneas existentes, mais intensos durante a época estival.

O litoral embora escarpado é interrompido pontualmente por pequenas praias, para além do Portinho da Arrábida, larga baía, com uma considerável extensão de areia. As praias possuem uma situação privilegiada, pois beneficiam de uma exposição a sul protegidas pela serra dos ventos de Norte. Além destes aspectos é de destacar a vegetação que as envolve e que por isso lhes dá um ar muito aprazível. Assim não é de admirar que sejam alvo de uma grande procura durante a época balnear.

Em 1976 é criado o Parque Natural da Arrábida (PNA), em virtude de ter sido reconhecido a insuficiente protecção existente. Porém o estatuto de parque natural não resolveu todos os problemas, vindo mesmo a causar algumas pressões adicionais.

As praias da Arrábida, são alvo de uma procura intensa que transforma as estradas aí existentes num autentico caos. São filas intermináveis de carros, dificuldades de estacionamento que transformam a ida aquela área num autêntico calvário e contribuem para a sua degradação. Parte das características que tornam a área atractiva desaparecem, mas isso não parece influenciar as pessoas que a procuram pois os fluxos não diminuem, pelo contrário parecem aumentar.

A ideia que podemos ficar desta área é a de grande qualidade ambiental, com características excelentes para o turismo balnear mas que por causa disso mesmo se encontra, durante o Verão, frequentemente congestionada..

Sintra

Situada a cerca de 50 Kms a Norte de Lisboa, Sintra cedo se revelou como uma área extremamente atractiva. Pelas suas valores naturais esta área foi alvo de descrições empolgadas, concretizadas em inúmeras obras da poesia, literatura e pintura que atingiram durante o romantismo o seu auge. Foi nesta altura que para além da aristocracia, também uma burguesia endinheirada procurou este lugar para veraneio, e assim começavam a aparecer inúmeras quintas e palácios disseminados por toda a área sempre tentando aproveitar as características que eram sublimadas pelos românticos, apresentando por isso um ar extremamente bucólico. .

Tal como na Arrábida vamos encontrar como factores de atracção as condições climáticas, o relevo e a vegetação, embora esta última seja consequência directa das outras duas.

O clima resulta da conjugação de dois factores, uma localização, junto ao oceano, que assim exerce o seu papel de regulador térmico, e por outro lado a Serra de Sintra que funciona como barreira de condensação ás massas de ar pluviosas que vem do oceano. Forma-se assim um clima húmido, sujeito a nevoeiros frequentes, ventoso, temperaturas amenas, sem grandes amplitudes térmicas. Este clima contribui para a vegetação luxuriante, permitindo que a serra tenha uma cobertura verde e densa, bem como uma abundância de água que se reflecte nos

inúmeros ribeiros e fontes aí existentes. Embora este clima não pareça oferecer condições favoráveis para o turismo balnear, as praias tem uma tradição bastante antiga, sendo bastante procuradas.

O relevo, constitui outro dos elementos físicos importantes da área. Podemos observar, a nível morfológico dois aspectos importantes. A serra é o único elemento que quebra a monotonia da paisagem, dado o vigor da sua elevação (500 metros).

A plataforma litoral, o segundo aspecto morfológico importante, é uma vasta superfície plana, resultado da abrasão marinha, que raramente ultrapassa os 200 metros, termina em arribas altas que são interrompidas pontualmente para dar lugar a pequenas praias.

O valor ambiental existente desencadeou, grandes pressões, provocando a sua própria degradação, alterando o equilíbrio e harmonia da paisagem, nomeadamente através da utilização de técnicas não tradicionais para a construção de edifícios quebrando a imagem de conjunto que alguns aglomerados típicos da área apresentavam

A resposta das entidades oficiais foi a criação da Área de Paisagem Protegida Sintra Cascais (APPSC), em 1981, que tinha como principais objectivos proteger o Litoral, a Serra e a área agrícola da degradação acentuada a que se vinha assistir.

É pois uma área de grande qualidade ambiental, embora sujeita a grandes pressões para a construção de alojamentos sazonais, com a presença da serra e do mar a serem os dois elementos mais marcantes da paisagem, onde a carga histórica desempenha um papel importante na atracção que provoca.

Ericeira

A área da Ericeira, é a única das por nós analisada que não possui o estatuto de área protegida. Porém, no nosso entender, este facto não significa que não possua valores importantes, quer a nível natural quer histórico.

O clima da região é condicionado pela situação de transição entre uma área plana e uma com um relevo mais irregular. As características principais são de um clima temperado com um Verão ameno, por vezes demasiado fresco, onde são frequentes os nevoeiros matinais. O Inverno não é rigoroso, mas devido à sua posição é extremamente húmido. Embora seja uma área plana sem acidentes de relevo importantes os seus solos são arenosos e argilosos, pouco férteis, o que condicionou as actividades agrícolas aí praticadas.

Vamos encontrar uma linha de costa de arribas altas, interrompida por pequenas praias, muitas vezes coincidindo com os troços terminais de pequenas linhas de água. Possui igualmente uma grande agitação marítima, com uma forte corrente Norte -Sul, resultado quer da configuração da linha de costa, quer dos ventos fortes que aí sopram.

A vila do mesmo nome é o principal centro de veraneio da área, e está localizada a sensivelmente 45 Kms a Norte de Lisboa tem um pequeno porto de pesca que não é muito seguro, e por isso condiciona fortemente esta actividade durante os períodos de mau tempo no Inverno.

No entanto as decisões tomadas para alterar a situação, não foram as mais adequadas, introduzindo obras de engenharia costeira de forma pouco feliz que destabilizaram a linha de costa, assoreando a entrada do porto e alterando o ciclo de alimentação das praias situadas a sul.

Actualmente pode-se dizer que a Ericeira tem no turismo a sua principal actividade: em 1981 cerca de 38% dos alojamentos existentes na freguesia tinham uso sazonal o que faz com que durante os fins de semana e os meses de Verão se assista a uma completa metamorfose. As ruas até então desertas, enchem-se de pessoas que frequentam os cafés e restaurantes, os quais têm nestes turistas a principal razão da sua existência.

A razão desta atracção pode ser explicada pelas suas praias com qualidades terapêuticas assinaláveis (nos anos 40 eram apontadas como as que registavam os maiores valores de maiores concentração de iodo), e sobretudo o aspecto acolhedor e harmonioso da vila, com o conjunto de casas brancas e telhados caiados (prática que caiu em desuso) aliado ao traçado pitoresco das suas ruas.

Porém, esta popularidade também trouxe problemas. Nos finais dos anos 70 e durante a década de 80 assistiu-se a um forte crescimento urbano, começando assim a surgir na parte leste da vila prédios, destinados unicamente a uso sazonal, com tipologias contrastantes com as então existentes, criando uma desarmonia na arquitectura da vila. Este processo continuou e actualmente assiste-se á formação de um cerco à vila de, complexos de apartamentos que devido à fama da área não param de crescer e estão a descaracterizá-la de forma irreversível.

5. A PERCEPÇÃO DOS VISITANTES

Construção e Objectivos do Inquérito

Como anteriormente ficou expresso, uma das dificuldades existentes nos trabalhos onde se analisa a percepção é a forma como se obtém a informação. Na maior parte dos casos ela tem de ser inferida de comportamentos e atitudes, pois não é possível obtê-la de outra forma. Os aspectos para os quais foi pedida a opinião foram seleccionados com base num conhecimento das áreas, sofrendo assim de uma influência que não pode deixar de ser considerada subjectiva, e que de alguma forma pode influenciar as respostas. Este risco está sempre presente, razão porque as conclusões a tirar destes resultados têm de considerar este aspecto.

Para aferir da percepção dos visitantes lançou-se um inquérito nas três áreas de forma a recolher informações que pudessem, por um lado, entender de que forma certos aspectos eram percebidos pelos visitantes, e por outro, caracterizar de forma objectiva esses mesmos visitantes

Em relação à primeira parte, era pedida uma opinião sobre determinados aspectos, mais subjectivos, onde era necessário expressar uma opinião qualitativa. Para a segunda parte recorreu-se a perguntas directas e objectivas.

Foram utilizadas as técnicas correntemente denominadas de escolha e ordenamento. No primeiro caso jogou-se com diferenciações semânticas. Os inquiridos devem expressar a sua opinião em relação a um determinado aspecto tendo por base uma escala semântica que tem nos seus extremos adjectivos opostos. As técnicas de ordenamento foram utilizadas para analisar um conjunto de 5 fotografias. Os entrevistados deviam ordenar o conjunto por ordem de preferência, e referir os motivos que levaram à posição da primeira e última fotografia. Não foram utilizadas técnicas mais complexas, para evitar que as entrevistas fossem demasiado complicadas, o que poderia gerar problemas.

Os inquéritos foram lançados no mês de Agosto de 1993, escolhendo-se sempre os mesmos dias e horas da semana nas três áreas para as condições de recolha serem minimamente iguais

Tendo em atenção os objectivos desta comunicação serão apresentados alguns dos resultados que nos parecem mais relevantes, evitando assim uma análise exaustiva que poderia prejudicar a leitura e compreensão do artigo.

DISTRIBUIÇÃO DOS INQUÉRITOS

Local	n.º inq
Arrábida - Total	131
Sintra - Total	94
Ericeira - Total	138
TOTAL	363

Caracterização dos Inquiridos

Os resultados do inquérito permitem-nos perceber que os frequentadores dos locais estudados se distribuem de forma bastante homogénea pelos diferentes grupos etários, não sendo possível encontrar uma tendência explícita de concentração em torno de nenhuma idade particular. O menor número de inquiridos com mais de 50 anos não nos parece digno de relevo, já que esta camada etária não tem tão enraizado, como os mais novos, o hábito de ir à praia.

No que diz respeito ao grau de instrução os resultados revelam que os utentes destas áreas se encontram muito acima dos padrões usuais. Assim, temos em Sintra e na Ericeira mais de 50% dos inquiridos com um grau de escolaridade superior à escolaridade obrigatória e mesmo na Arrábida, onde este valor decresce, é ainda superior a 40%.

Este elevado grau de instrução não é com certeza alheio ao facto da grande maioria dos inquiridos residir na Área Metropolitana de Lisboa, onde se encontram os índices de escolaridade mais elevados.

Como seria de esperar, a maioria dos inquiridos na Arrábida reside na AML - Sul (cerca de 40%), predominantemente em Setúbal, a cidade que fica mais próxima (21,4%). Contudo, o grupo de residentes em Lisboa aparece em segundo lugar (14,5%) demonstrando a extensão da área de influência da Arrábida, o que nos parece só vir confirmar o seu grande poder de atracção.

Os inquiridos na Ericeira residem na sua grande maioria no concelho de Mafra (31,2%), onde está integrada a vila da Ericeira e em Lisboa (27,5%). Parece ser assim possível concluir que a área de influência é menor que a anterior. A importância regional é substituída por uma local, existindo ainda assim o caso de Lisboa, reflexo da tradição que esta área possui como local de segunda residência para a população lisboeta, desde há várias gerações.

O caso de Sintra apresenta neste aspecto semelhanças nítidas com a Ericeira, 48% dos inquiridos residem no concelho de Sintra e 22,3% em Lisboa. Embora se deva referir que a

importância turística que esta área possui a nível nacional é incomparavelmente superior à da Ericeira. Porém os resultados obtidos dizem respeito a inquéritos lançados nas praias, que como se constatou estão longe de ser o factor de atracção mais importante da área. Podemos afirmar que se os inquéritos tivessem sido lançados em locais como o centro histórico de Sintra, ou o Palácio da Pena, a área de influência seria incomparavelmente maior.

No que se relaciona com o modo como os inquiridos chegaram às áreas e como seria de esperar pelos grandes congestionamentos de tráfego já referidos, mais de 75% vieram de automóvel, representando o transporte público um papel muito diminuto, devendo, no entanto, salientar-se a Arrábida com uma percentagem quase dupla (20%) da de Sintra (11%) e Ericeira (12%).

Embora não de uma forma perfeitamente clara existe uma certa diferenciação entre os visitantes das três áreas. São mais salientes os relacionados com o nível de instrução, categoria profissional e talvez por isso a nível do rendimento

Estas diferenças podem ser entendidas se levarmos em linha de conta que nos casos de Sintra e Ericeira foram inquiridos mais residentes em Lisboa, e uma parte importante deles com uma segunda habitação. No caso da Arrábida, onde predomina residentes na Península de Setúbal, de tradição mais industrial, pode ajudar a compreender estas discrepâncias.

A percepção dos visitantes

Como foi anteriormente referido, duas das áreas (Arrábida e Sintra) possuem um estatuto de área protegida. Esse facto deveria obrigar que determinadas regras de comportamento fossem seguidas de forma a respeitar os valores naturais aí existentes. Porém este raciocínio deixa de fazer qualquer sentido se esse estatuto não for conhecido. Embora à partida nos parecesse difícil esse desconhecimento, o número de indivíduos nessa situação ainda é significativo na Arrábida (9.9%) e preocupante em Sintra (16%). Estes valores, à primeira vista, parecem constituir uma surpresa, mas acabam por ser de alguma forma explicados.

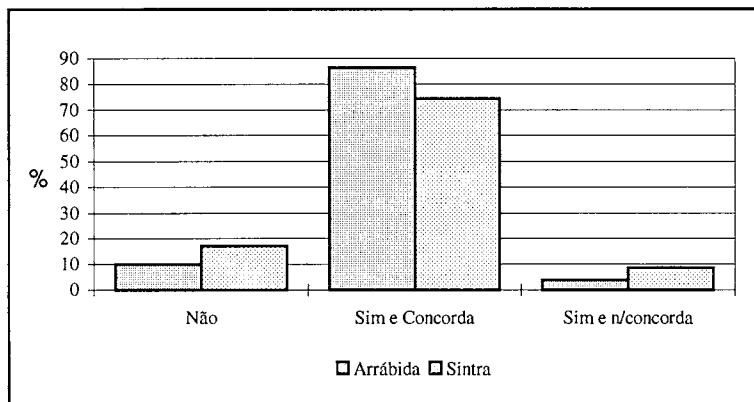
Como na Arrábida 29% dos inquiridos é a primeira vez que visitam a área nos últimos 6 meses, pode-se compreender a menor familiaridade. No caso de Sintra já o mesmo alibi não pode ser utilizado. A resposta aqui pode ser a maior urbanização desta área, e conseqüente delapidação do património natural (exceptuando a Serra de Sintra), o que pode confundir os visitantes.

De qualquer modo, e embora a grande maioria esteja a par do estatuto da área e concorde com ele, as entidades que gerem estas áreas devem fazer um ainda maior esforço de divulgação, pois o desconhecimento pode ser uma condicionante bastante grande à obtenção de resultados positivos em todas as outras acções.

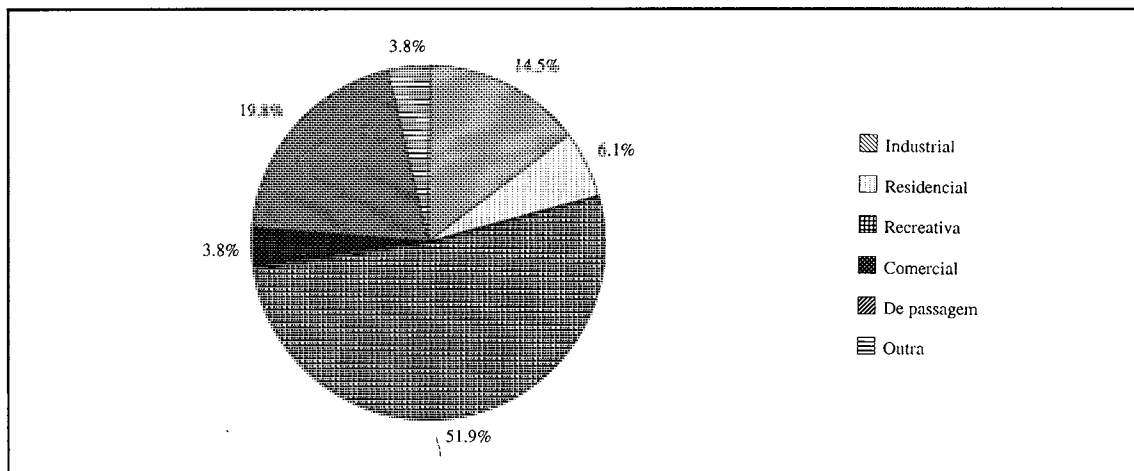
A imagem que os visitantes associam à área é um aspecto que aparece relacionado com uma infinidade de factores, muitos deles subjectivos.

Estando em análise áreas litorais com uso balnear e com uma tradição turística significativa, a imagem mais referida pelos visitantes deveria ser a área recreativa. Porém os resultados não foram tão evidentes.

Sabe se esta área è protegida



Que imagem associa à área? (Arrábida)

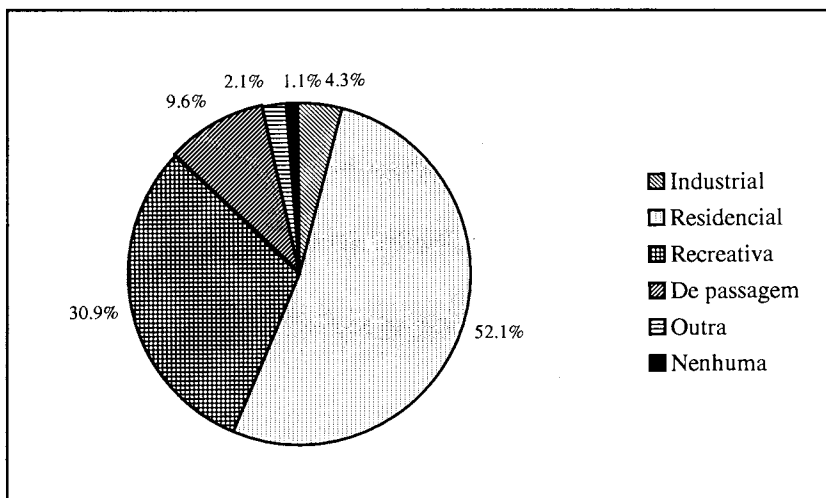


No caso da Arrábida esta imagem é referida em apenas 52% das respostas e a de um local de passagem é dada em 20% dos casos. Estes resultados podem ser entendidos em parte como consequência do estatuto da área, pois restringe em muito a permanência para além do dia. Não permitindo a construção nas áreas mais privilegiadas, quer de habitações de veraneio, quer de equipamentos hoteleiros o que condiciona em muito a duração das estadias. Por isso, os visitantes são na sua maioria veraneantes que aqui se deslocam para um dia de praia regressando depois à sua residência, permanente ou sazonal, que se situa fora da área. Não havendo um número significativo de dormidas. Este facto pode levar os visitantes a considerar a área como de passagem. Este aspecto tem sido evocado como uma das maiores condicionantes ao desenvolvimento das potencialidades turísticas existentes.

Este estatuto, e as normas tão severas, são igualmente os responsáveis por grande parte das características naturais continuarem quase intactas. Na verdade o estatuto de protecção deve manter-se tão rígido como até aqui, ou mesmo aumentar, tendo de ser a filosofia dos visitantes a alterar-se, consciencializando-se que as curtas permanências permitem igualmente disfrutar das qualidades das áreas minorando os impactos negativos gerados. Os 14.5% de respostas que associam à área uma imagem industrial pode à primeira vista ser considerado uma surpresa, mas o facto de a área onde foram levados a cabo os inquéritos se situar perto de um complexo industrial, com grande impacto na paisagem pode explicar os valores registados.

Os casos de Sintra e Ericeira quase se podem explicar pelos motivos exactamente opostos aos evocados no caso da Arrábida. A imagem mais associada é a residencial, consequência de uma maior densidade de construções nas áreas, dando aos visitantes uma imagem de consolidação.

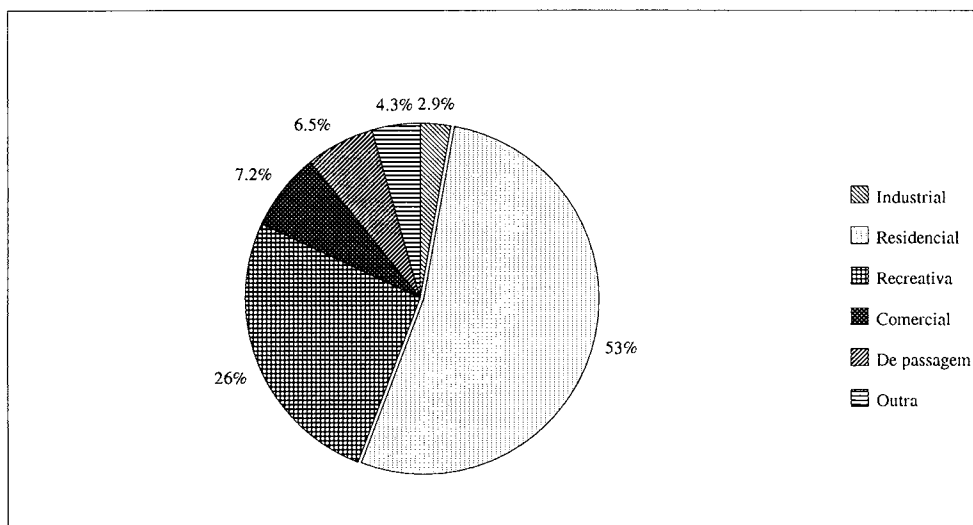
Que imagem associa à área? (Sintra)



No caso de Sintra, os 52.1% registados resultam por um lado da existência de um grande número de segundas residências e mesmo de pequenos núcleos de características eminentemente rurais. Por outro lado, não podemos ignorar que uma parte significativa dos inquiridos que associa à área a imagem residencial, reside no concelho de Sintra (48%). Assim é natural que por residirem tão perto do local onde foram inquiridos tenham presente a imagem residencial.

A mesma situação se repete para o caso da Ericeira onde 52.9% das respostas se associam ao mesmo tipo de imagem. Aqui, além dos residentes permanentes é importante considerar o facto de existir uma significativa parte dos inquiridos que possui segunda residência, 42% das pessoas que associam à área uma imagem residencial. Este resultado tem que ser visto de uma forma extremamente positiva, pois permite descobrir uma ligação mais profunda, uma certa apropriação pelos inquiridos, o que só a pode beneficiar no que diz respeito à sua protecção.

Que imagem associa à área? (ericeira)



Na verdade, ao passarem aqui mais tempo que no caso da Arrábida existe o sentimento de propriedade, quer no caso da 2ª residência ou residentes permanentes, alertando-os para a preservação pois o espaço quase lhes pertence. Ao passar mais tempo vão certamente preocupar-se mais com as condições existentes, razão porque devem ser mais críticos e participantes de forma a contribuir para a sua qualificação. Este aspecto é importante, pois ao funcionar como áreas de escape em relação a um ambiente urbano, que predomina nos inquiridos, as qualidades paisagísticas e ambientais existentes podem ajudar a explicar os valores relativamente importantes das associações à imagem recreativa, que no caso de Sintra atinge os 31% e na Ericeira 26%.

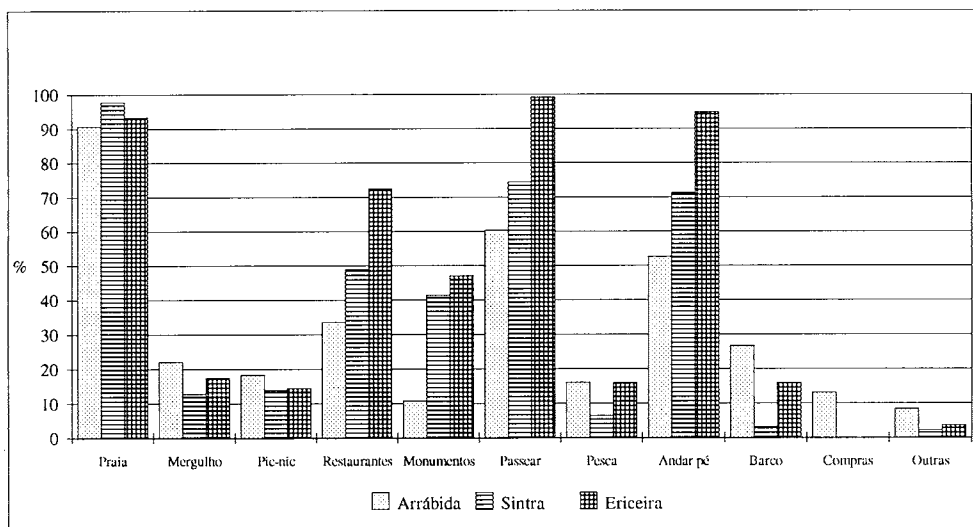
No caso da Arrábida esta consciência não existe, por a área ser visitada de forma mais esporádica.

Assim o comportamento esperado é que se existir uma degradação das características ambientais e paisagísticas os visitantes deixarão mais facilmente de procurar a área pois não existem ligações tão fortes, como seja o caso de uma segunda residência, visto não serem os seus contactos tão frequentes.

Uma certa especialização no que diz respeito às actividades praticadas na área é igualmente um aspecto a considerar nesta análise.

Na Arrábida cada inquirido refere em média entre 3 actividades, valor mais baixo dos 4.2 e 5.5 de Sintra e Ericeira respectivamente. Esta menor diversidade tem várias explicações. Por um lado na Arrábida a topografia bastante acidentada, é uma condicionante a actividades como Passear ou Andar a Pé, que embora sejam referidas por uma fatia significativa dos inquiridos se situa em valores bastante abaixo dos registados nas outras áreas. Por outro lado temos a considerar que os grandes valores existentes na Arrábida são na sua quase totalidade valores ambientais e paisagísticos (vegetação, relevo etc...), que não atraem os visitantes da mesma forma que por exemplo os monumentos existentes nas outras (Palácio da Pena, Vila de Sintra, Convento de Mafra).

Ocupações dos visitantes



A Arrábida sendo uma área com uma paisagem de atracção indiscutível, mas não possuindo uma rede de monumentos significativa e tendo uma oferta a nível de equipamentos de restauração que não corresponde à procura potencial só pode ser alvo de uma procura importante durante a época balnear, já que as suas praias constituem por si só o factor de atracção decisivo. Este facto é bem evidente nas outras estações do ano, quando se assiste a uma quebra radical no número de visitantes em relação à Arrábida e no caso de Sintra e Ericeira, embora também seja evidente uma quebra, ela está longe de ser tão significativa.

Sendo as praias um espaço importante nestas áreas é necessário tentar obter a imagem que delas têm os seus frequentadores. Seleccionámos para isso quatro aspectos: dimensão, beleza, limpeza, e tranquilidade. Pensamos serem estes aspectos suficientes para perceber de que forma os visitantes vêem as praias que frequentam. Sendo a classificação baseada numa escala semântica, de escolha subjectiva isso trouxe alguns problemas aos inquiridos; é notório que nos casos onde existia uma dificuldade de resposta, era escolhida a opção intermédia.

No que diz respeito à dimensão das praias na Arrábida e Sintra os inquiridos apontam para uma dimensão média na sua maioria, embora uma parte significativa se decida por escolher dimensão grande, 25% e 31% respectivamente. Na Ericeira os resultados são diferentes: a maioria dos inquiridos acha as praias pequenas (51,4%). A questão da dimensão foi uma das que colocou mais dificuldades. O conceito de dimensão é relativo, existindo por vezes grandes diferenças nas dimensões das praias existentes numa mesma área, sendo difícil para os inquiridos pensar numa imagem única. Este facto pode ajudar a explicar a grande concentração de respostas no valor intermédio, neste caso dimensão média, pois em caso de indecisão era mais pacífico escolher essa hipótese. Esta dificuldade, aliás compreensível, foi provocada, pois embora existindo diferenças entre praias da mesma área era importante para nós descobrir qual era aquela que se impunha na criação da imagem.

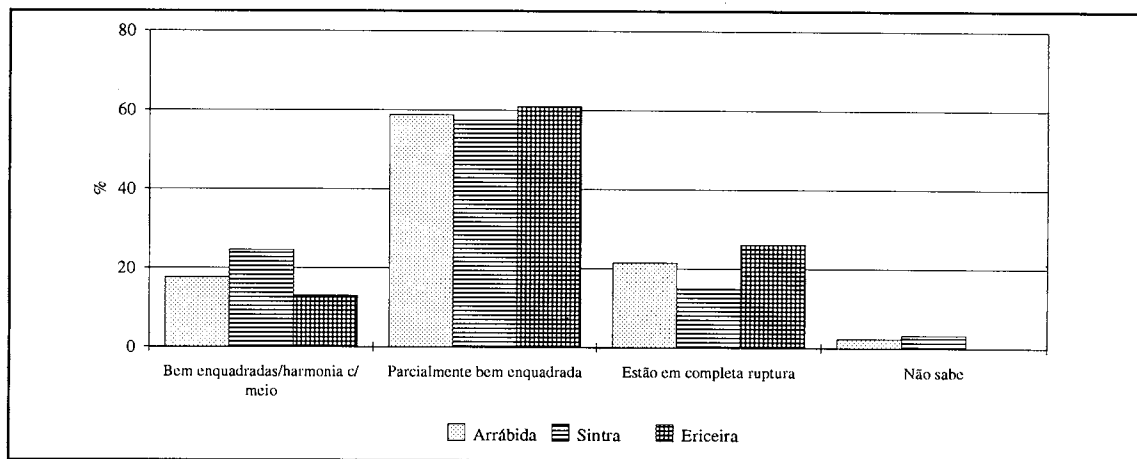
De qualquer modo os resultados obtidos em relação a esta variável são interessantes e mostram como, em parte, o enorme afluxo de visitantes pode, de alguma forma, condicionar a percepção da dimensão. Por exemplo, as praias da Arrábida tem dimensões apreciáveis como facilmente se constata das capacidades de carga que apontam para cerca de 25 000 pessoas. Porém, o grande afluxo de visitantes pode condicionar esta ideia, pois haverá menos espaço livre, parecendo por isso mais pequenas.

No caso de Sintra a situação é inversa. Como é descrito anteriormente, o litoral de Sintra é escarpado, com arribas altas, apenas interrompido pontualmente por pequenas extensões de areia. A excepção é a Praia Grande, que tem o seu nome graças às dimensões excepcionais para a área. O facto da maior parte dos inquiridos em Sintra ter sido aqui lançada (78%), aliado aos índices de ocupação baixos que aí se registam (apesar de ser uma das praias mais procuradas da área), vai influenciar de forma decisiva a imagem que os inquiridos têm dela.

Na Ericeira o resultado é consequência do “emagrecimento” progressivo que se tem assistido nalgumas praias da área. Assim é frequente durante a preia mar a praia desaparecer quase por completo, contribuindo de forma decisiva para que a maioria ache as praias pequenas. De resto, a linha de costa apresenta aqui as mesmas características que em Sintra (aliás são contíguas), com praias de pequenas dimensões e não apresentando nenhum caso tão excepcional como a Praia Grande.

A manutenção da qualidade cénica da paisagem vai igualmente ser influenciada pelo número de construções existentes e pela forma como elas se enquadram no meio onde estão implantadas. Em relação a este aspecto a Ericeira é a área que possui uma imagem mais negativa por parte dos inquiridos, revelando que o grande crescimento efectuado nos últimos anos tem sido de alguma forma prejudicial para a sua imagem: um número excessivo de construções, encontrando-se só parcialmente enquadradas com o meio, existindo mesmo 26% dos inquiridos que acham que elas se encontram em completa ruptura com o meio.

Como considera as construções da área



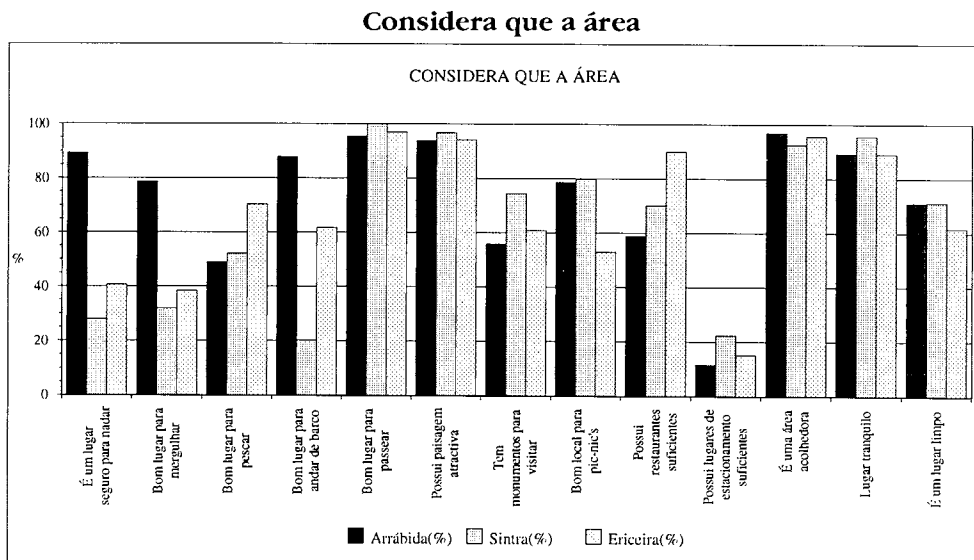
O crescimento explosivo já assinalado necessita ser controlado pois caso contrario a qualidade da área em termos paisagísticos pode degradar-se de forma irreversível. Curiosamente esta área além de acumular os resultados mais negativos em relação a estes aspectos é a única, das três em análise, que não é área protegida.

No caso da Arrábida, a situação é radicalmente diferente, sendo a imagem global muito mais positiva que no caso anterior. 48% dos inquiridos consideram que as construções existentes são em número adequado, havendo mesmo 37% que consideram possível construir-se mais. Porém o enquadramento das mesmas na área não é visto de forma tão positiva, sendo cerca de 59% aqueles que consideram que apenas parcialmente estão bem enquadradas e 21% aqueles que as acham em completa ruptura com meio. Estes valores demonstram que embora muito tenha sido feito para o ordenamento das construções nesta área protegida, como demonstra os 78% que consideram que o número de construções se encontra controlado, ainda existem alguns aspectos que devem ser alvo de atenção. É assim normal que seja aqui que a acção das entidades oficiais é encarada de uma forma mais positiva, com 43% dos inquiridos a considerarem a sua acção razoável e mesmo 23% como boa.

Em Sintra as pressões existentes são maiores. É uma área mais próxima de Lisboa que as restantes e com uma tradição bastante grande ao nível de segunda residência, facilmente visível pela ocupação sazonal, já bastante antiga. As características da área torna-a bastante desejável para segunda habitação, o que as entidades oficiais tem tentado gerir de forma equilibrada. Assim se compreende o equilíbrio entre aqueles que acham o número de construções adequado e os que acham que se pode construir mais. Este aspecto é bastante delicado mostrando o grau de pressão a que esta área se encontra submetida. É importante assinalar que grande parte das construções existentes fazem parte de um património da área, contribuindo para a sua imagem, devido á qualidade e ao estilo. Este facto explica porque 25% dos inquiridos pensam que as construções se encontram bem enquadradas e em harmonia com o meio, embora a maioria, 57%, pense que só parcialmente elas se encontrem bem enquadradas. De qualquer modo é necessário controlar o crescimento, o que na opinião de 59% dos inquiridos já acontece, devido à acção das autoridades oficiais. Este papel, por vezes não muito bem compreendido, implica que, embora 34% dos inquiridos ache esta acção razoável, exista uma ideia negativa em relação a elas por parte de 30% ao considerá-la Má/Muito má. Por estar dentro de uma área protegida existe certo tipo de regras mais rigorosas, que em função da atracção gerada pode funcionar de forma negativa.

Um dos aspectos relevantes para constatar a percepção da área pelos inquiridos é o que diz respeito ao grau de concordância dos inquiridos em relação às afirmações positivas e negativas que são feitas sobre a área.

Esta análise vem comprovar vários aspectos que já tinham sido detectados anteriormente. A especificidade da Arrábida como estância balnear fica claramente comprovada, com 89% dos inquiridos a concordarem ser um lugar seguro para nadar e 79% um bom local para mergulhar. Na verdade existe um sentimento fortemente positivo dos inquiridos acerca das excelentes condições que a Arrábida apresenta para as actividades balneares, que aliado à paisagem nos dá um factor mais importante que é a situação de abrigo que a área apresenta, transmitindo uma clara sensação de segurança que se reflecte nos resultados obtidos.



No caso de Sintra e Ericeira fica também comprovado que embora sejam áreas de veraneio por excelência, as condições apresentadas para as actividades balneares são encaradas de forma bastante negativa pelos inquiridos. Tanto no caso de ser um lugar seguro para nadar como no do mergulho as opiniões positivas são ultrapassadas pelas negativas. As condições do mar em Sintra, a situação de menor abrigo ajuda a explicar porque apenas 28% consideram ser um lugar seguro para nadar, e apenas 32% um bom lugar para mergulhar. Os resultados no caso Ericeira seguem a mesma tendência em relação a estes aspectos, embora não de uma forma tão negativa (41% e 38%).

No que se refere a ser um bom lugar para pescar e andar de barco vamos encontrar situações diferentes nas três áreas. O ser um porto de pesca com tradições e possuir vários pesqueiros (locais nas arribas onde se faz a pesca à linha) onde se concentram nos fins de semana e feriados pescadores permite, à Ericeira ter uma imagem bastante positiva, pelo que 70% a considera ser um bom local para pescar. Este facto ligado ao já referido porto de pesca ajuda igualmente a considerar a área como um bom local para andar de barco, mesmo sabendo que as condições do mar não costumam ser as melhores e as condições de acesso ao cais são difíceis.

O litoral de Sintra possui igualmente alguma reputação como local de pesca, o que é comprovado por alguns pesqueiros aí existentes e bastante procurados (Azenhas do Mar, Praia Grande, Pedra de Alvidrar, Cabo da Roca). Porém, são na sua maioria de difícil acesso, sendo necessário subir e descer arribas abruptas, não reunindo por isso condições para um acesso livre de todos os pescadores, o que explica a existência de apenas 53% de respostas positivas. Outro aspecto importante é o facto desta parte do litoral não possuir nenhum porto de pesca ou recreio (consequência de uma linha de costa alta e, a Norte do Cabo da Roca, rectilínea sem locais de abrigo), não podendo por isso ser considerado um bom local para andar de barco. Os 20% que consideram a área como um bom local para essa actividade estão de certeza a pensar unicamente na beleza que apresenta a linha de costa e não nas condições de segurança.

Não havendo este tipo de ligações ao mar e o facto da pesca ser pouco praticada pode também explicar o número bastante significativo de pessoas que responde Não Sabe (34%).

O caso da Arrábida apresenta características peculiares. Na realidade é um local que apresenta excelentes condições para a pesca, sendo procurado especialmente pelos praticantes de pesca submarina, possuindo entre eles uma excelente reputação. Está igualmente situada entre dois portos de pesca tradicional, Sesimbra e Setúbal, o que pode explicar porque 49% consideram ser uma boa área para pesca. Porém, o facto de ser visitada nesta altura do ano apenas pelas actividades balneares explica um certo alheamento de todas as outras, e por isso se entender porque 40% dos inquiridos respondem Não Sabe.

Já as qualidades paisagísticas da área, e a situação de abrigo dando uma sensação de segurança explica porque a área do Portinho da Arrábida é procurada por inúmeros barcos de recreio, contribuindo para a imagem que se tem da área. Este facto ajuda a explicar a quase unanimidade das respostas que a considera um bom lugar para andar de barco, 88%.

Sem dúvida, e já referido anteriormente, as qualidades da paisagem das três áreas são uma razão da atractividade que elas exercem. Sem pretender voltar a discutir o conceito de paisagem, aqui os visitantes vão encarar a paisagem como tudo aquilo que vêem e interpretam; existe uma unanimidade quase total, expressa em valores acima dos 90% para as três áreas serem um bom lugar para passear ou terem uma paisagem atractiva, embora os factores que possam estar na base dessa a valorização devam ser diferentes. Deve destacar-se que no caso de Sintra a concordância é total.

Quando confrontados com a afirmação da área ter monumentos para visitar, Sintra aparece com uma imagem mais favorecida, 75% de respostas positivas. Esta situação é perfeitamente compreensível pois toda a história e tradição que lhe está associada, com inúmeros monumentos, de que são exemplos o Palácio da Pena e o Palácio Real de Sintra contribuem para a sua popularidade neste aspecto.

No caso da Ericeira regista-se o valor de 62%, resultado da existência de um monumento com a importância do Convento de Mafra, que sendo um dos elementos mais marcantes na área, goza de grande popularidade.

A Arrábida, tal como referimos não possui monumentos tão marcantes na paisagem, ou pelo menos tão conhecidos como os de Sintra e Ericeira. Por este facto eles não são alvo de grande curiosidade por parte dos visitantes; 23.7% declaram Não Saber se a área tem monumentos para visitar. Mesmo assim é importante frisar que um número significativo (56%) diz que existem, o que reflecte acima de tudo as potencialidades que a área apresenta, mas que não estão devidamente exploradas.

No que diz respeito às áreas serem bons locais para piquenique, as respostas apenas vêm confirmar ideias anteriores. Quer a Arrábida quer Sintra possuem uma imagem bastante positiva em relação a este aspecto respectivamente 79% e 80%. Esta situação resulta das excelentes condições naturais que apresenta, onde se destaca a Serra e a sua vegetação, com inúmeros locais propícios para piqueniques, alguns deles especialmente preparados para este efeito. No caso da Ericeira estas condições não existem explicando assim o valor mais baixo, mas mesmo assim importante (53%).

Esta situação aparece igualmente relacionada ao número de restaurantes. Na verdade, 90% dos inquiridos na Ericeira considera os restaurantes suficientes, demonstrando mais uma vez enorme a importância que este sector tem na área.

Em Sintra, onde a situação é mais equilibrada, a imagem criada é extremamente positiva. Cerca de 70%, consideram os restaurantes existentes suficientes, não existindo qualquer incompatibilidade entre estes e os lugares de piquenique disponíveis.

Na Arrábida, como resultado do modelo adoptado pelo parque, controlando de forma bastante rigorosa as construções quer no que diz respeito à quantidade quer à qualidade, o número de restaurantes não é tão satisfatório como nos casos anteriores, sendo as opiniões positivas apenas 59%.

Como vimos anteriormente o estacionamento é um dos problemas mais graves durante o Verão. Torna-se por isso fácil compreender que a grande maioria não concorde com a afirmação de que as áreas possuem locais de estacionamento suficiente. Mesmo assim, deve destacar-se Sintra onde mais o problema não parece ser tão grave como no caso da Arrábida e Ericeira.

Na opinião dos inquiridos, as três áreas revelam-se extremamente acolhedoras, sendo o valor de respostas concordantes com esta afirmação 90% para qualquer uma delas. Sem dúvida que contribui para este resultado as boas condições meteorológicas registadas. Não se pode esquecer que na grande maioria os inquiridos procuram a área para recreio e lazer, nomeadamente para actividades balneares. É pois de esperar que estas áreas sejam acolhedoras, resta saber se com condições meteorológicas adversas, em pleno Inverno, a unanimidade seria tão grande.

Os argumentos atrás expressos servem para explicar o grau de concordância no que diz respeito à tranquilidade das áreas, embora sejam notados os congestionamento e a falta de tranquilidade. É de compreender que estando a maior parte dos inquiridos a gozar um período de férias, fora de um ambiente urbano muito menos tranquilo e a paisagem ela mesma transmitir uma sensação de tranquilidade vai possibilitar que a imagem percebida pelos visitantes seja de tranquilidade, mesmo que à primeira vista este facto não seja evidente.

Por último, no que diz respeito a considerar-se a área um local limpo, a maioria das respostas é positiva, embora no caso da Ericeira o grau de concordância seja menor. Facto que pode ser explicado pela localização da vila com a concentração de construções, serviços e pessoas, além de uma das praias onde foram levados a cabo os inquéritos não apresentar boas condições de higiene

Em relação às afirmações negativas sobre as áreas, a concordância é menor. Por um lado não parece existir uma propensão para dizer mal de uma área que foi escolhida como local de férias, e por isso existe uma retracção que só em casos muito evidentes é ultrapassada. Algumas destas afirmações serviram igualmente para controlar outras questões postas anteriormente, e assim confirmar a validade das respostas obtidas.

Teste de ordenação das fotografias

Os inquiridos nas três áreas foram igualmente confrontados com um grupo de cinco fotografias, que deveriam ordenar da mais atractiva para a menos atractiva. Com base nessa ordenação deveriam indicar as razões que conduziram ao posicionamento da primeira e ultima fotografia.

Deve ser realçado que não era dada qualquer indicação por parte dos entrevistadores aos inquiridos que os pudesse influenciar sobre critérios a adoptar para a ordenação. Eram-lhes apenas fornecidas as fotografias, e dispunham do tempo que achassem necessário para as ordenar. Esta liberdade causou algumas dificuldades, nomeadamente na escolha objectiva dos factores mais atractivos das fotografias. Embora para efeitos de classificação as fotografias fossem numeradas na parte posterior com números de 1 a 5, a ordem como elas eram entregues aos inquiridos era perfeitamente aleatória. As fotografias retratavam as diversas áreas onde foram lançados os inquéritos, pretendendo de alguma forma representar aspectos característicos delas, positivos ou negativos. Com isto tentava-se saber até que ponto a localização dos inquiridos iria influenciar as respostas obtidas. Significa que assim se poderia saber se por exemplo os inquiridos na Arrábida iriam mais facilmente escolher como mais atractiva as fotografias correspondentes a essa área e assim sucessivamente. Por outro lado este teste queria de alguma forma provar que muitas vezes as mesmas paisagens são valorizadas por diferentes pessoas, mas os factores que estão na base dessa valorização podem ser diferentes.

Embora fosse pedido que as fotografias fossem ordenadas pensamos que nos casos intermédios a ordenação foi mais difícil de fundamentar, razão porque apenas concentrámos a nossa atenção nas que foram colocadas em primeiro e último lugar.

FOTOGRAFÍAS UTILIZADAS NO TESTE DE ORDENAÇÃO

1. Praia dos Pescadores, Ericeira.



2. Praia das Maças, Sintra.



3. Praia do Portinho, Arrábida.



4. Praia do Sul, Ericeira.



5. Praia da Figueirinha, Arrábida.

ORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIAS

ARRÁBIDA

Foto n.º	+Atractiva		-Atractiva	
	v.a	%	v.a.	%
1	5	3.8	47	35.9
2	5	3.8	33	25.2
3	78	59.5	2	1.5
4	35	26.7	12	9.2
5	8	6.1	37	28.2
TOTAL	131	100.0	131	100.0

SINTRA

Foto n.º	+Atractiva		-Atractiva	
	v.a	%	v.a.	%
1	4	4.3	47	50.0
2	8	8.5	11	11.7
3	57	60.6	3	3.2
4	20	21.3	11	11.7
5	5	5.3	22	23.4
TOTAL	94	100.0	94	100.0

ERICEIRA

Foto n.º	+Atractiva		-Atractiva	
	v.a	%	v.a.	%
1	12	8.7	57	41.3
2	6	4.3	30	21.7
3	65	47.1	7	5.1
4	48	34.8	12	8.7
5	7	5.1	32	23.2
TOTAL	138	100.0	138	100.0

Em qualquer uma das áreas a fotografia que reuniu maior preferências como a mais atractiva foi a número 3, representando a baía do Portinho da Arrábida. Esta fotografia caracteriza-se por ser a menos humanizada de todas, existindo apenas a presença de pessoas na praia e de inúmeras embarcações de recreio aí fundeadas. É uma fotografia que permite uma ideia global da área, não se centrando em pormenores, mas sim no conjunto.

A segunda fotografia mais escolhida como a mais atractiva em todas as áreas foi a número 4, representando a Praia do Sul na Ericeira. Mais uma vez é uma fotografia onde se pode ter uma visão de conjunto, não se prendendo em pormenores. Interessante observar que as duas fotografias representam duas baías, e as suas praias encontram-se limitadas por duas vertentes, permitindo assim constatar algumas semelhanças entre elas.

Em relação às restantes elas apenas foram referidas como mais atractivas por um pequeno número de inquiridos, sendo apenas meramente residuais, não devendo por isso ser consideradas importantes para esta análise.

Embora tenham sido sempre as mesmas fotografias preferidas nas três áreas ainda assim existem diferenças. Na verdade se na Arrábida e em Sintra a fotografia 3 foi escolhida pela mesma percentagem de inquiridos 60%, no caso da Ericeira ela foi apenas escolhida por 47%. Este facto tem a ver com o papel desempenhado pela fotografia 4 que no caso da Ericeira atinge 35% das preferências enquanto na Arrábida e Sintra atinge apenas 27% e 21% respectivamente.

No caso da Ericeira o protagonismo que a fotografia 4 desempenha é sem dúvida resultante de um certo conhecimento do local, existindo uma relação forte e positiva com ela, levando por isso a ser escolhida independentemente dela realmente ser a mais atractiva. Obviamente que é igualmente significativo não revelar nenhum aspecto negativo da área, podendo por isso ser escolhida. Este facto é importante pois no caso de Sintra a fotografia da área apresenta alguns pontos mais negativos como parece ser o nevoeiro e as casas estarem demasiado perto da praia. Assim mesmo conhecendo a área e mesmo muitos deles desejando ter uma segunda residência aí, não a escolhem como resultado dos aspectos negativos referidos.

RAZÕES PARA A ESCOLHA DA FOTOGRAFIA MAIS ATRACTIVA FOTOGRAFIA Nº 3

	ARRÁBIDA		SINTRA		ERICEIRA	
	v.a	%	v.a.	%	v.a.	%
Natureza; beleza da paisagem	30	21.9	20	21.1	20	15.7
Serra; contraste serra/mar	16	11.7	8	8.4	18	14.2
Aspecto e côr do mar	13	9.5	16	16.8	16	12.6
Foto mais atraente	13	9.5	0	0.0	0	0.0
Foto mais agradável, tranquilidade e harmonia	11	8.0	10	10.5	12	9.4
Melhor e maior praia	9	6.6	0	0.0	0	0.0
Menos confusa, pouca gente	7	5.1	0	0.0	5	3.9
Muita vegetação	7	5.1	6	6.3	17	13.4
Paisagem menos humanizada, poucas casas	12	8.8	9	9.5	7	5.5
Conhece a área	4	2.9	4	4.2	0	0.0
Presença de barcos	5	3.6	0	0.0	16	12.6
Outras	10	7.3	22	23.1	16	12.6
TOTAL	137	100.0	95	100.0	127	100.0

Um ponto importante são as razões que levam à escolha das fotografias como mais atractivas. Em qualquer uma delas o motivo mais importante é o que os inquiridos consideram a Beleza da paisagem, Presença da natureza. Na verdade está patente aqui uma certa dificuldade em definir concretamente aspectos objectivos. Assim prevalece uma ideia de conjunto, sendo realçada a harmonia existente na fotografia.

O segundo aspecto mais referido no caso da Arrábida e Ericeira foi a presença da serra; contraste serra/mar, enquanto em Sintra foi o aspecto e cor do mar. Neste caso foram claramente definidos os aspectos que levaram a escolha da fotografia, que não foram iguais para as três áreas, mostrando pois que as mesmas paisagens podem ser valorizadas por diferentes aspectos. Deve ser referido que no caso da Arrábida existe uma maior dispersão de factores de atracção, que eventualmente pode ser resultado de um maior conhecimento, sendo feitas associações à fotografia, que não resultam da mera observação dos elementos aí existentes.

Não sendo os inquiridos conduzidos para nenhum tipo de resposta, existe uma grande dificuldade em explicar de modo concreto as suas preferências, o que dificulta o estudo dos elementos que podem valorizar as paisagens. Porém um aspecto é importante quando definidos, os elementos determinantes parecem ter sido os naturais, aqueles onde a paisagem se apresenta menos humanizada. A presença da água desempenha um papel importante bem como a vegetação e o relevo. Ou seja a diversidade é um aspecto que parece ser factor de atracção, e por isso deve ser explorado e mantido.

Será agora interessante analisar as respostas obtidas para as escolhas referentes às fotografias menos atractivas.

RAZÕES PARA A ESCOLHA DA FOTOGRAFIA MENOS ATRACTIVA FOTOGRAFIA Nº 1

	ARRÁBIDA		SINTRA		ERICEIRA	
	v.a.	%	v.a.	%	v.a.	%
Natureza; beleza da paisagem	30	21.9	20	21.1	20	15.7
Mau acesso e estacionamento, muitos carros	15	19.2	14	14.9	27	21.6
Demasiadas casas	4	5.1	4	4.3	0	0.0
Muita gente	14	17.9	18	19.1	30	24.0
Congestionamento, stress, confusão	16	20.5	16	17.0	18	14.4
Praia suja, poluição	13	16.7	15	16.0	20	16.0
Praia pequena, paisagem artificial	0	0.0	13	13.8	15	12.0
Não gosta da praia	0	0.0	0	0.0	5	4.0
Outras	16	20.5	14	14.9	10	8.0
TOTAL	78	100.0	94	100.0	125	100.0

Aqui, como no caso anterior duas fotografias se destacam das restantes. A fotografia número 1, representando a praia dos Pescadores na Ericeira e a 5, que representa a praia da Figueirinha, na Arrábida. Ambas representam praias, sendo as fotografias tiradas num plano

muito mais próximo que no caso das fotografias 3 e 4, e apresentando grandes índices de ocupação. Embora com valores inferiores a fotografia 2, representando a Praia das Maças foi igualmente apontada por um número significativo de inquiridos, especialmente na Arrábida e Ericeira, como a menos atractiva.

A fotografia referida maior número de vezes como a menos atractiva do grupo de cinco foi de longe a da Praia dos Pescadores, na Ericeira. Em Sintra chega mesmo a atingir os 50% de respostas, enquanto na Arrábida atinge apenas os 36%. Curioso que embora representando uma praia da Ericeira ela é referida por 41% dos inquiridos como a menos atractiva. Poder-se-ia esperar que de alguma forma salvaguardando a área este valor fosse aqui mais baixo, sendo essa carga negativa transportada para outra fotografia. Porém isso não acontece o que se pode ser resultado das péssimas condições anteriormente referidas, que ela apresenta. Assim além dos aspectos menos positivos que a fotografia possa apresentar, existe ainda um conhecimento mais real das condições existentes, reforçando ainda mais a imagem negativa que a fotografia possa apresentar.

As razões que estão na base destas escolhas não parecem diferir muito de área para área. Assim em relação à fotografia 1 vamos encontrar como aspectos mais negativos, a confusão, congestionamento, stress; As deficientes condições de acessibilidade, de estacionamento, a presença de demasiados automóveis; Demasiada gente na praia; e por último ser um local sujo, poluído. Todos estes aspectos foram referidos pelos inquiridos em qualquer uma das áreas como os mais negativos, existindo apenas algumas diferenças.

Se no caso da Arrábida e Sintra nenhum destes aspectos se sobrepõem em relação aos outros já no caso da Ericeira existem dois que se destacam. Os relacionados com o excessivo número de pessoas presentes na fotografia e os aspectos ligados aos problemas de acessibilidade, estacionamento, demasiados automóveis. Interessante constatar que é aqui que é referido por um número já significativo de inquiridos que uma das razões por que a torna menos atractiva é o carácter demasiado artificial, essencialmente dado pelo muro de suporte.

Deve ser ainda referida a fotografia 2, que foi escolhida como a menos atractiva por um número significativo de inquiridos, especialmente na Arrábida e Ericeira. Aqui o principal motivo evocado para tal escolha, e único significativo foi a grande densidade de construções junto à praia.

Interessante constatar que aqui os factores decisivos na escolha destas fotografias como as menos atractivas são todos factores humanos. Ligados quer a presença física de indivíduos quer devido à acção antrópica, como sejam o caso das construções.

6. CONCLUSÃO

Tal como já foi focado em pontos anteriores os resultados deste tipo de estudos têm que ser encarados com alguma prudência. Por um lado, existe um grau de subjectividade que não é possível anular, tanto a nível das respostas obtidas, como mesmo na elaboração e estruturação do próprio inquérito.

Este facto não significa que os resultados não possam ser utilizados. Eles podem e devem ser desde que as conclusões sejam devidamente acauteladas.

Na verdade, não podem é ser encarados como uma única via para a resolução de problemas, não podendo por isso ser utilizados de modo autónomo, mas sim complementarmente a outros estudos. Devem ser encarados como mais um instrumento que, em conjunto com outros, pode ser de grande utilidade no processo de planeamento, no auxílio dos processos de tomada de decisão.

Este será sem dúvida o seu grande mérito. Muitas vezes, na tentativa de resolução de problemas existentes os técnicos impõem medidas, planos, que as populações têm dificuldade de entender e aceitar, reduzindo por isso a eficácia que deveria esperar-se da sua implementação.

Estas situações poderiam de alguma forma ser ultrapassadas se nesse processo fossem utilizados instrumentos que contemplassem a percepção que as populações têm das áreas onde vivem, passeiam, compram, etc. Por um lado ajudaria sobremaneira os técnicos a perceber de que forma a realidade é percebida, podendo as soluções encontradas ir de encontro a esta percepção, evitando uma imposição pura e simples de planos, melhorando as perspectivas da sua implementação.

Obviamente que a adopção destes estudos não implica que todo o processo de planeamento, nomeadamente nas áreas protegidas ou mais sensíveis, esteja subjugado à percepção do público. Esta postura, radical, também não interessa, podendo agravar os problemas em lugar de os resolver. Terá obviamente de existir uma solução de compromisso atendendo aos recursos existentes e aos objectivos pretendidos. Por um lado esta situação irá obrigar os técnicos a contactar com uma realidade que pode ser diferente daquela que eles percebem, mas que nem por isso deve deixar ser contabilizada no processo de tomada de decisão.

Esta noção de compromisso é importante pois, por vezes, é mais inteligente optar por soluções menos satisfatórias mas com resultados mais eficientes do que pela chamada solução óptima.

A crescente participação do público neste processo, através do uso da sua percepção, decorre, igualmente, da maior facilidade de acesso à informação que ele dispõe sendo assim mais esclarecido, reivindicativo, não aceitando facilmente ser ignorado em todas as decisões que vão afectar os seus comportamentos, as suas opiniões. A política será a de que é preferível fazer planos com as populações do que contra elas.

Isto ganha particular importância em áreas sensíveis, como seja o caso das áreas protegidas aqui estudadas, com grande relevância para o lazer das populações. Sem serem conhecidos comportamentos e percepções, essas áreas não podem ser geridas de forma eficaz, minimizando os comportamentos negativos e aproveitando os positivos. Este tipo de informações ajuda igualmente a escolher as medidas mais eficazes. Exemplo é no caso das áreas estudadas, particularmente na Arrábida, os problemas resultantes do excesso de viaturas aí existente durante o Verão. Pelo inquérito é bastante claro que os visitantes têm consciência deste problema. Porém, é insignificante o número daqueles que considera que este facto pode resultar da falta de transportes públicos na área. É por isso fácil constatar que se fosse aumentada a oferta de transportes públicos isso não iria implicar a automática resolução dos problemas, pois não

existe uma predisposição para o uso de tal meio de transporte. Este conhecimento, obtido graças ao questionário implica logo que não haja um desperdício de recursos, sabendo de antemão que a intensificação dos transportes públicos necessita de medidas complementares que a tornem realmente eficaz

É nesta perspectiva que estes trabalhos tem de ser encarados. Os problemas existentes não se resolvem todos por esta via, mas ela pode contribuir para que a intervenção dos técnicos seja mais eficaz.

Outro aspecto importante é que estes trabalhos dificilmente servirão para qualificar diferentes áreas, avaliando a sua paisagem de forma objectiva podendo assim ordená-las de acordo com a sua qualidade. Interessa perceber de que forma certos aspectos são percebidos pelo público em geral, quer sejam negativos ou positivos.

Será assim possível criar uma imagem da área, entendendo os aspectos que o público em geral mais valoriza ou considera mais negativos, ficando assim as autoridades competentes na posse de uma informação bastante útil para a gestão da área, podendo intervir para corrigir desequilíbrios, escolher entre modelos de desenvolvimento, que de alguma forma não colidam com o ponto de vista do público.

Podem argumentar-se que este tipo de procedimento já se adopta. Porém, é quase sempre de um modo empírico, sem uma noção real da percepção do público e por isso altamente influenciada por elevado grau de subjectividade. Mais uma vez o exemplo pode ser extraído deste trabalho. Na verdade ao elaborar-se o inquérito para um elevado número de questões esperávamos respostas que coincidissem com a nossa percepção da área, mas igualmente com um certo conhecimento empírico da forma como os inquiridos deveriam reagir. Em muitas dessas questões o nosso conhecimento veio a revelar-se completamente desajustado á realidade. Lembro o exemplo da questão referente ao pagamento de taxas para ter acesso à área para melhorar as condições. Nunca esperámos encontrar uma tendência tão positiva em relação a esta medida, embora como referimos alguns cuidados têm que ser tomados na interpretação dos resultados. Mas mesmo quando existe uma confirmação do tal conhecimento empírico que se tem à partida, estes trabalhos vêm reforça-lo dando uma base mais sólida às decisões que eventualmente possam a vir ser tomadas.

Como vimos, as três áreas usadas como exemplo neste estudo, embora próximas e com algumas características em comum criam nos seus visitantes diferentes imagens, resultado não só das suas qualidades intrínsecas mas igualmente das diferentes percepções dos visitantes. O estatuto de áreas protegidas que duas delas possuem, Arrábida e Sintra, desempenha um papel igualmente importante condicionando a percepção.

Parece ser evidente uma maior aceitação deste estatuto na Arrábida e Sintra, resultado de alguma forma reforçado pela avaliação do desempenho das autoridades oficiais, aí avaliado de forma mais positiva.

É igualmente interessante constatar a preocupação que os valores naturais parecem ter para os visitantes destas áreas, resultado talvez dos enormes volumes de informação com que são diariamente bombardeados sobre os perigos que os ameaçam e a necessidade da sua preservação. Esta preocupação parece ser importante para a definição de políticas de gestão destas áreas, tendo em conta alguma sensibilização que a maioria dos visitantes inquiridos parece ter.

Ericeira e Sintra parecem ser influenciadas por uma forte imagem de área de segunda residência, mostrando existir uma maior ligação dos visitantes à área do que no caso da Arrábida. Este aspecto pode revelar-se importante na escolha de medidas a implementar de modo de sensibilizar os visitantes para o seu cumprimento.

Na Ericeira, especialmente na vila, o crescimento do número de construções parece ser um dos factores de maior preocupação dos visitantes reflectindo-se noutros aspectos como sejam os congestionamentos e a limpeza.

Este facto não parece incomodar da mesma forma os inquiridos em Sintra, resultado das maiores restrições à construção que aí se verificam em consequência do seu estatuto de área protegida.

Em relação ao teste de ordenação de fotografias, embora os resultados não tenham sido bastante claros, existe um facto que nos parece importante assinalar. Que em todas as áreas foram escolhidas as mesmas fotografias como as mais e menos atractivas, demonstrando claramente uma preferência por um determinado tipo de paisagem, e na maior parte dos casos pelos mesmos motivos. Significa isto que por exemplo na base da escolha das suas deslocações para recreio e lazer os aspectos subjectivos ligados à personalidade, valores, educação desempenham um papel decisivo. Esta situação aplica-se aos inquiridos que embora residam em Lisboa, optam por áreas diferentes embora possam preferir as mesmas. São estes factores extremamente difíceis de quantificar que tornam estes trabalhos tão aliciantes.

Embora haja condicionantes à realização destes estudos devido à subjectividade, não devem ser menosprezados, pois mesmo assim são o único instrumento que possuímos para compreendermos e conhecermos a percepção do público. O erro a introduzir no processo será sempre incomparavelmente menor do que aquele resultante da não utilização desta informação. Obviamente que todas as técnicas que utilizarmos apresentam problemas, mas não será a utilização de métodos estatísticos complexos que os irão resolver, pois os problemas não se encontram na análise ou tratamento da informação mas sim na base, na recolha da mesma. Este é um facto que deve ser encarado mas não utilizado como argumento para a não utilização desta informação subjectiva no processo de planeamento.

O estudo levado a cabo conduz-nos, igualmente, à conclusão que não parece fazer sentido conduzir este tipo de investigação para a procura de um método universal para avaliar e quantificar a qualidade da paisagem. Aliás parece-nos mesmo difícil descobrir um.

Mais importante é o desenvolvimento de métodos de utilização da percepção da paisagem. A sua aplicação prática permite esperar que não se fique apenas por conceitos vagos, expressos através de técnicas complexas com resultados duvidosos e utilidade praticamente nula.

BIBLIOGRAFÍA:

- APPLETON, J. (1975) *The Experience of Landscape*, J. Wiley and Sons, Londres
- AZEVEDO, M; PIMENTEL, N.(1992) "As recentes tempestades no litoral a Norte de Sintra (troço compreendido entre a Praia Grande e a Praia de Santa Cruz)". *Geonovas*, revista da associação portuguesa de geólogos, número especial Lisboa.
- AMIR, S; GIDALISON, E. (1990) "Expert-based Method for the Evaluation of Visual Absorption Capacity of the Landscape" *Journal of Environmental Management*, 30, pp 251-263, Academic Press Inc., London
- CLAMP, P. (1981) "The Landscape Controversy". *Landscape Research* 6, nº2, pp 13-15.
- COLLOT M. (1986) "Points de Vue sur la Perception des Paysages". *L'Espace Géographique*, nº 3, pp 211-217, Paris
- CORBIN, A.(1989): *O Território do Vazio: a Praia e o Imaginário Ocidental*, Companhia das Letras
- DUNN, M. C.(1976) "Landscape with Photographs: testing the preference approach to landscape evaluation". *Journal of Environmental Management*, 4, pp 15-26, Academic Press Inc., London.
- EASTWOOD, D.A.(1992) *Aspectos Tecnicos en el Proceso de la Percepción en Geografía*. Department of Environmental Studies, University of Ulster, Coleraine.
- ELEFTHERIADI, N. et al (1990) "Coastal Landscape Preference Evaluation: a Comparasion Among Tourists in Greece" *Journal of Environmental Management*, vol 14,nº 10, pp 475-487, Academic Press Inc., London
- FABBRI, P. ed (1990) *Recreational Uses of Coastal Areas*, The Geojournal Library, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht
- RUIZ, J.; BENAYAS, J.(1993) "Sobre gustos hay mucho escrito" *Ecosistemas*, Revista de la Asociacion Española de Ecología Terrestre, nº6 Julho-Setembro 1993.
- SALGUEIRO, T. B. et al organizou (1991) *Problemas e Potencialidades do Litoral Português*, Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa
- SELL, J. L.; THOMAS, F. S. (1980) "Environmental Perception" *Progress in Human Geography*, vol. 4, nº 4, Dezembro,pp 525-548
- SERRÃO, V. (1989) *Sintra*, Col. Cidades e Vilas de Portugal, Ed. Presença, Lisboa
- TUAN, Y. F. (1980) *Topofilia, um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, Difel, S. Paulo
- TUAN, Y. F. (1983) *Espaço e Lugar*, Difel, S. Paulo.